



O Turismo Pedagógico como Instrumento de Democratização dos Espaços da Cidade¹

Marcela do Nascimento Padilha²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Viviane de Oliveira Lavandeira³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo. Este artigo apresenta algumas possíveis contribuições do Turismo Pedagógico à promoção da cidadania e ao processo ensino-aprendizagem da educação básica pública no Brasil. Dialoga-se, para isso, com algumas autoras e autores que realizaram pesquisas envolvendo o Turismo e a Educação, estabelecendo relações entre esses campos no sentido de mostrar a importância de se incluir o território do cotidiano nos conteúdos trabalhados em sala de aula, transcendendo, assim, os muros da escola e promovendo um processo ensino-aprendizagem mais lúdico e condizente com as características do território local. Percorre-se o caminho trilhado pelo Núcleo de Pesquisas em Turismo, Território e Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que, há dez anos, realiza trabalhos de extensão e pesquisa com escolas públicas dos municípios de Teresópolis, Areal e Rio de Janeiro, todos no estado do Rio de Janeiro. Tais trabalhos envolvem estudos feitos entre os integrantes do núcleo, oferta de cursos de extensão gratuitos e apoio à realização do método de Turismo Pedagógico desenvolvido pelo grupo. Os resultados apontam para a possibilidade de criação de políticas públicas voltadas para apoiar as escolas na realização das atividades extramuros, a fim de diminuir as dificuldades e ampliar a execução do turismo pedagógico.

Palavras-chave: Turismo pedagógico; Cidadania; Apropriação do patrimônio; Território; Ensino de Geografia.

Pedagogical Tourism as an Instrument for Democratizing City Spaces

Abstract. This article presents some possible contributions of Pedagogical Tourism to the promotion of citizenship and to the teaching-learning process in public basic education in Brazil. To this end, it discusses some authors who have carried out research involving Tourism and Education, establishing relationships between these fields in order to show the importance of including the territory of everyday life in the content worked on in the classroom, thus transcending the walls of the school and promoting a more playful teaching-learning process that is consistent

¹ Este trabalho contou com o apoio da Capes e da Faperj.

² Professora Associada do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

³ Mestra em Geografia pelo Mestrado Profissional em Ensino da Geografia em Rede (PROFGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

with the characteristics of the local territory. This is the path followed by the Tourism, Territory and Education Research Center at Rio de Janeiro State University, which, for ten years, has been carrying out extension and research work with public schools in the municipalities of Teresópolis, Areal and Rio de Janeiro, all in the state of Rio de Janeiro. This work involves studies carried out by the group's members, the provision of free extension courses and support for the Pedagogical Tourism method developed by the group. The results point to the possibility of creating public policies aimed at supporting schools in carrying out extramural activities, in order to reduce the difficulties and expand the implementation of pedagogical tourism.

Keywords: Educational tourism; Citizenship; Appropriation of heritage; Territory; Geography Teaching.

El turismo pedagógico como instrumento para democratizar los espacios urbanos

Resumen. Este artículo presenta algunas posibles contribuciones del Turismo Pedagógico a la promoción de la ciudadanía y al proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación básica pública en Brasil. Para ello, dialoga con algunos autores que han realizado investigaciones que involucran turismo y educación, estableciendo relaciones entre estos campos para mostrar la importancia de incluir el territorio de la vida cotidiana en los contenidos trabajados en el aula, trascendiendo así los muros de la escuela y promoviendo un proceso de enseñanza-aprendizaje más lúdico y acorde con las características del territorio local. Este es el camino recorrido por el Centro de Investigación en Turismo, Territorio y Educación de la Universidad del Estado de Río de Janeiro, que, desde hace diez años, realiza trabajos de extensión e investigación con escuelas públicas de los municipios de Teresópolis, Areal y Río de Janeiro, todos en el estado de Río de Janeiro. Este trabajo incluye estudios realizados por los miembros del centro, la impartición de cursos gratuitos de extensión y el apoyo a la aplicación del método de Turismo Pedagógico desarrollado por el grupo. Los resultados apuntan a la posibilidad de crear políticas públicas destinadas a apoyar a las escuelas en la realización de actividades extramuros, con el fin de reducir las dificultades y ampliar la implementación del turismo pedagógico.

Palabras clave: Turismo pedagógico; Ciudadanía; Apropriación del patrimonio; Territorio; Enseñanza de la Geografía.

Introdução

Se você, quando criança e/ou adolescente, participou de algum “passeio” com seus colegas da escola, deve ter lembranças bem fortes e felizes dele. É o que, em geral, acontece com pessoas que vivem experiências como esta. Quando mencionamos passeios escolares, sempre há aquelas que lembram com muito carinho e entusiasmo de alguma saída da qual tenha participado com seus colegas e professores. Parece algo simples, mas envolve uma série de parâmetros e obstáculos que, muitas vezes, impedem que atividades pedagógicas extramuros sejam realizadas. É sobre isso que trataremos neste texto.

Este artigo, portanto, apresenta algumas possíveis contribuições do Turismo Pedagógico à promoção da cidadania e ao processo ensino-aprendizagem da educação básica pública no Brasil. Dialoga-se, para isso, com algumas autoras e autores que realizaram pesquisas envolvendo o Turismo e a Educação, estabelecendo relações entre esses campos no sentido de mostrar a importância de se incluir o território do cotidiano nos conteúdos trabalhados em sala de aula, transcendendo, assim, os muros da escola e promovendo um processo ensino-aprendizagem mais lúdico e condizente com as características do território local. No entanto, muitas das crianças e adolescentes, particularmente de escolas públicas, não têm a experiência de conhecerem os espaços de seu município que encantam os visitantes. Esses espaços turistificados estão próximos geograficamente da maioria dos habitantes de um território, porém distantes socialmente.

Com o objetivo de combater esse problema, defendemos o uso do Turismo Pedagógico com estudantes da educação básica, sobretudo das redes públicas, para que possam conhecer e reconhecer os espaços turistificados do seu território e, dessa forma, terem a oportunidade de se apropriar do patrimônio cultural e natural e de construir um entendimento crítico dos temas abordados em aula de maneira mais prazerosa. Entretanto, defendemos, também, que este mesmo método seja utilizado no ensino superior, com futuros profissionais de Licenciaturas e de Turismo, a fim de possibilitar o conhecimento e apropriação dos espaços valorizados do seu território e, assim, prepará-los para trabalhar com os estudantes da educação básica.

A ideia de cidadania voltou a ser muito discutida nos últimos anos devido à perda de qualidade de vida da população de algumas cidades colocadas em foco pela grande publicização que os mais variados assuntos do cotidiano passaram a ter a partir da popularização da internet, dos smartphones e demais dispositivos eletrônicos. A promoção da cidadania pode ser vista como resultado ou como causa do turismo, dependendo de como esta atividade é planejada e gerida em um determinado local. A simples valorização de uma cidade por parte dos seus turistas não significa, necessariamente, que a qualidade de vida de sua

população esteja garantida. Aliás, é possível que tal valorização leve a uma desconexão entre cidadão e cidade, transformando-a em espaço do e para o turista, ou seja, em um espaço voltado para o consumo e não para a vida cotidiana (Padilha e Pacheco, 2020). O ponto de vista aqui defendido é o de que somente há cidadania em um espaço que lhe permita a sua existência e com o qual seus habitantes se reconheçam e se sintam parte integrante (Santos, 2004). No entanto, para que o cidadão se reconheça no local onde vive é necessário que ele primeiro conheça e vivencie este lugar, transformando-o em espaço vivido. Conhecendo e se reconhecendo no seu município, em geral, o cidadão cria com ele uma ligação mais sólida, cuida, participa, exerce sua cidadania (Santos, 1998).

A apropriação desigual dos espaços mais valorizados das cidades brasileiras se insere no grande problema da desigualdade social do país, que impacta, também, nas possibilidades de construção do conhecimento de crianças e adolescentes. Estes têm oportunidades de ascensão social mais relacionadas à classe social na qual estão inseridos do que à sua capacidade intelectual. Isto é, a probabilidade de uma pessoa que nasce pobre chegar à universidade e terminar o seu curso superior e, assim, ter a possibilidade de conseguir um bom posto de trabalho é menor do que a de uma pessoa que nasce dentro de uma condição econômica melhor, mesmo ambas tendo a mesma capacidade intelectual. Isto foi provado pelo estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Nova York, em 2018, o qual aponta que apenas cerca de 24% dos mais pobres se formam na faculdade, contra 63% das pessoas com pontuações genéticas semelhantes, mas que nasceram em famílias ricas (Lee et.al, 2018).

Isto se deve, sobretudo, segundo Pierre Bourdieu (1997), ao capital cultural, que refere, de maneira geral, aos conhecimentos construídos e acumulados por uma pessoa, bem como os seus diplomas conquistados ao longo de sua vida, desde a mais tenra idade, posicionando-a em uma determinada classe social. O autor explica que o capital cultural é mais um dos instrumentos de poder da classe dominante para manter as diferenças sociais e

o domínio sobre as classes populares, a partir da valorização da sua cultura em detrimento daquela produzida e consumida pelas classes consideradas mais baixas. Bourdieu ainda afirma que a escola reproduz as estruturas sociais através da valorização dos signos e códigos culturais das classes mais abastadas e marginalização dos das classes populares, hierarquizando culturas e conhecimentos e contribuindo para as desigualdades socioespaciais.

Um dos caminhos possíveis para promover este conhecimento e reconhecimento do município pela sua população é o do Turismo Pedagógico, entendido aqui como uma atividade capaz de despertar a consciência cidadã por meio do apoio ao processo ensino-aprendizagem (PADILHA, 2021). Esta atividade, acreditamos, é capaz de contribuir com aquilo que consideramos fundamental para o desenvolvimento intelectual e o exercício da cidadania: conhecer a realidade que nos cerca e apreendê-la por meio de nossos conhecimentos prévios, da nossa cultura e experiências de vida.

Nesse contexto, insere-se, também, a educação patrimonial, entendida por nós como um caminho possível para a apropriação dos bens coletivos. De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999), a educação patrimonial envolve os processos educativos formais e não-formais, promovidos por escolas ou não, em que indivíduos têm contato e interagem com o acervo histórico-geográfico, artístico, natural e cultural presente em, por exemplo, museus, exposições, teatros, sítios arqueológicos, centros urbanos, comunidades rurais, paisagens naturais, áreas de proteção ambiental e qualquer evidência ou manifestação da cultura, tendo o patrimônio cultural como fonte primária do conhecimento. Com isso, a educação patrimonial contribui para o conhecimento, apropriação e valorização da história e cultura do território onde o indivíduo está inserido, o que colabora para a construção da identidade, engajamento na luta pela preservação do acervo histórico, natural e cultural do seu território e no processo de criação de cultura. Acreditamos que a partir da utilização adequada do método do Turismo Pedagógico, o capital cultural dos(das) estudantes têm maior probabilidade de ser enriquecido, a pluralidade cultural do território local

valorizada e a educação patrimonial, relacionada ao acervo cultural da cidade, estimulada.

O Núcleo de Pesquisas em Turismo, Território e Educação (Nupette/Uerj/CNPq) vem, desde 2016, realizando ações extensionistas e pesquisas voltadas para desenvolver uma proposta de Turismo Pedagógico que possa ser executada por escolas públicas. Os trabalhos nos levaram a resultados muito animadores, que ultrapassaram as nossas expectativas, provando que utilizar o território como sala de aula pode contribuir para um processo ensino-aprendizagem mais lúdico e eficaz, bem como para o fortalecimento da identidade territorial. E é sobre esses resultados e o caminho seguido para alcançá-los que trataremos a seguir.

O método do Turismo Pedagógico

Para Moesch (2013), turismo é o fenômeno social que se refere às visitas e/ou viagens, voluntárias e temporárias, e às ações desenvolvidas nesses deslocamentos, por indivíduos e/ou grupos de pessoas, dos seus locais de residência para outros, com os objetivos fundamentais de entretenimento, descanso e aproveitamento de amenidades naturais e atividades culturais. A autora explica que o turismo nasceu com o modo de produção capitalista e o mesmo avançou de acordo com cada etapa desse sistema social. Assim, o turismo se configura como uma mercadoria. Por mais que, atualmente, em países, inclusive o Brasil, haja locais e atividades turísticas destinadas a diferentes classes sociais, a maior frequência da participação nessas atividades e viagens a locais mais distantes da residência costuma ser das classes média, média alta e alta⁴. Existem obstáculos, como o financeiro, coerção policial, diferentes tipos de preconceito e falta de informação, para que as classes mais

⁴ Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua de Turismo 2020-2021, desenvolvida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), famílias, que apresentam uma renda per capita de quatro salários mínimos ou mais, viajam quatro vezes mais do que aquelas que sobrevivem com menos do que meio salário mínimo. A mesma pesquisa mostrou que nas famílias com renda per capita menor do que R\$ 550, o principal motivo das viagens é o tratamento da saúde; enquanto a razão mais frequente para domicílios, com renda per capita de R\$ 4,4 mil ou mais, é o turismo.

baixas não consigam realizar as atividades turísticas mais valorizadas socialmente. Além disso, grande parte dos indivíduos das classes populares é privada de tempo satisfatório de descanso do trabalho, o que dificulta a participação em atividades turísticas que podem proporcionar o prazer, modificação do capital cultural, acesso à pluralidade cultural e educação patrimonial. Nesse sentido, o turismo é uma mercadoria e um instrumento capitalista de acirramento das desigualdades socioespaciais.

No entanto, é possível fazer do Turismo uma atividade realmente educativa, capaz de fazer os visitantes conhecerem os territórios e os atrativos de forma mais profunda e através de olhares que, por vezes, foram escondidos, como são os casos dos territórios de herança africana e indígena. Neste sentido, defendemos um turismo mais educador e menos explorador; mais voltado para a valorização dos povos e suas culturas autênticas e menos dos produtos estandardizados. E o Turismo Pedagógico vai nesta direção.

Mas o que vem a ser Turismo Pedagógico? Consideramos, aqui, o Turismo pedagógico como um método de ensino [...] que tem a finalidade de mediar o que se aprende nas salas de aula com o que se percebe no território [...] (Padilha, 2023, p. 135). Ele se refere às visitas e atividades, desenvolvidas por educandos/as e educadores/as, em locais com potencial turístico, ou que já estejam sendo utilizados pelo turismo, para fins pedagógicos, proporcionando aos atores do processo ensino-aprendizagem acesso a locais de entretenimento, a estabelecimentos culturais, contato com a natureza, maior interação com o objeto de estudo e construção ou aprofundamento do conhecimento sobre ele.

A principal diferença entre o turismo pedagógico e outros métodos de ensino tradicionais, como o trabalho de campo e o estudo do meio, é que a participação dos/das estudantes nas atividades é voluntária, ou seja, os/as professores/as os/as convidam para participarem dessas atividades e eles/elas decidem se farão as visitas ou não de acordo com os seus interesses e necessidades. O caráter voluntário da participação nas atividades de turismo pedagógico estimula a autonomia e tomada de decisão dos/das discentes. Esses/as últimos/as ainda podem colaborar com a escolha de locais turísticos a

serem visitados de acordo com o que julgam serem atividades prazerosas, e isso permite a problematização, diálogo e debate entre estudantes e professores/as sobre o entretenimento, acesso a estabelecimentos culturais e contato com amenidades naturais. Sobre isso, vale observar que o caráter voluntário da participação nas atividades de turismo pedagógico, pelos/as estudantes, pode gerar uma situação complicada para as escolas em que um grupo decide não realizar a visita, seja por que motivo for, permanecendo na escola, enquanto parte de seus/suas colegas e professores/as está fora da unidade escolar, participando da visita. Quando isso acontecer - o que raramente ocorre - é vital que a direção, coordenação, profissionais da educação e corpo discente das escolas debatam e concretizem caminhos para a resolução de diferentes situações-problema.

As atividades de turismo pedagógico, diferente do que acontece no trabalho de campo e do estudo do meio, se desenvolvem, necessariamente, em locais com alguma infraestrutura turística, como a presença de atrativos - monumentos, obras, áreas verdes, corpos d'água, passeios de barco e teleférico, locais para comer, locais para se divertir etc. Tal fato influencia nas escolhas dos/das discentes sobre participarem ou não das atividades de turismo pedagógico e acerca dos locais a serem visitados. Isso porque a infraestrutura turística geralmente torna o local mais interessante, não apenas para turistas, mas também para os/as estudantes. Dessa maneira, muitos/as educandos/as podem escolher locais concentradores dessas atrações turísticas. Contudo, o aproveitamento dessas atrações, bem como o transporte para a ida e volta de locais turísticos, pode demandar recursos financeiros, os quais parte significativa das comunidades escolares do Brasil não tem acesso. Para superar esse obstáculo, o Estado e governos devem promover parcerias entre as secretarias de educação e turismo, entre as escolas e locais de visita, que podem ser destinados ao turismo pedagógico, para não apenas promoverem o acesso de comunidades escolares a esses locais, mas, sobretudo, incentivarem o uso desses locais para fins pedagógicos. Dessa forma, haveria mais justiça social sobre o aproveitamento cidadão de pontos turísticos.

Outros entraves para a escolha e aceitação de locais para o turismo pedagógico pelo corpo discente são a falta de informação e obstáculos simbólicos. Estes podem ser facilmente compreendidos quando mencionamos situações que comumente ocorrem nas cidades brasileiras. Nossas sociedades capitalistas criam mecanismos simbólicos para o controle da locomoção das classes sociais mais baixas pelas localidades mais valorizadas socialmente, como o preconceito racial e a criminalização de aspectos culturais que marcam esse grupo. Meninos/as negros/as vestidos/as com roupas simples quando visitam certas localidades tradicionalmente frequentadas por pessoas brancas das classes A e B, não raro enfrentam situações constrangedoras ou até mesmo violentas, como se pode ver em diversas matérias jornalísticas, como em Marchetti (2024), Braga (2024), Oliveira (2023), entre outras. Isto faz parte do racismo estrutural que moldou a sociedade brasileira, que faz com que a maioria da população brasileira, que é negra e pobre, veja certos lugares como não sendo seus. Lugares como teatros municipais, shoppings em bairros abastados, cartões postais como Bondinho do Pão de Açúcar e Cristo Redentor, entre outros, são vistos por muitas pessoas das classes C, D e E como não sendo “seus”. E isso precisa mudar.

Em muitas comunidades escolares, as/os estudantes não têm conhecimento sobre a diversidade histórica, cultural e natural do município. Para que os/as discentes tenham condições de escolher e aceitar o convite para visitar pontos turísticos do município, locais esses relacionados ao objeto de estudo apresentado pelo/a docente, é importante que os/as professores/as disponibilizem informações, livros, obras, sites, dentre outros, que contribuam para o debate sobre o assunto em análise e processo de escolha abordado. Com o objetivo de tentar superar os obstáculos simbólicos, é importante que os/as profissionais de educação trabalhem a autoestima dos/das alunos/as, problematizem os obstáculos simbólicos e reforcem o direito das pessoas, de diferentes classes sociais, raça, gênero, ideologia, frequentarem locais de entretenimento, estabelecimentos culturais, belezas naturais e pontos turísticos, a despeito dos obstáculos explicados neste trabalho. Os/As professores/as ainda devem reforçar a ideia de que, nesses pontos turísticos, de acordo com as

atividades pedagógicas desenvolvidas, os/as estudantes podem aprofundar o seu conhecimento sobre o objeto de estudo de maneira prazerosa, conforme destacam Aldo e Guillermina (2013) e Franco; Sánchez; López (2022).

Fratucci (2008) analisa a espacialidade do fenômeno social do turismo a partir da apropriação dos espaços pelos seus principais agentes sociais, os quais são os agentes de mercado, poder público, turistas, trabalhadores/as do setor e comunidades receptoras. O autor postula que o turismo se organiza em território-rede⁵, em escala local, e em territórios-redes, a partir da atuação dos agentes sociais em diferentes escalas geográficas, levando em consideração a lógica sazonal e reticular da atividade turística. De maneira geral, o(s) território(s)-rede(s) do turismo é(são) baseado(s) nos centros emissores e nos destinos turísticos, que são localizados em diferentes pontos, nós do espaço geográfico, e interligados entre si através dos fluxos materiais e imateriais, como os dos serviços de propaganda e marketing para atrair turistas para participar de atividades turísticas, o de transporte de ida e volta de turistas aos e dos locais turísticos e o do atendimento das diferentes demandas dos(das) turistas durante a execução das atividades, formando uma densa e complexa rede. Em cada nó do espaço geográfico, os agentes dos centros emissores e destinos turísticos formam territórios, através dos processos de apropriação do espaço e desenvolvimento de territorialidades, sejam de natureza política, econômica e/ou cultural, resultando no(s) território(s)-rede(s) do fenômeno social do turismo.

A partir do esquema do território-rede do turismo, Fratucci (2008) explicita os limites dos territórios-redes do turismo, ressaltando a existência da área periférica, responsável pelo fornecimento de insumos, principalmente de mão-de-obra, para as empresas de turismo, mas que é excluída, de diferentes formas, das políticas públicas voltadas para o turismo. Muitos/as trabalhadores/as do turismo, como aqueles/as atuantes no comércio e limpeza, não têm acesso, ou apresentam acesso restrito, às atrações turísticas mais valorizadas socialmente.

⁵ De acordo com Haesbaert (2004), a categoria geográfica do território-rede realça, a partir do atual processo de globalização e dos avanços dos sistemas de comunicação e transporte, a conexão (E desconexão) entre diferentes territórios, enfatizando a sua dimensão temporal-móvel.

Muitas dessas áreas periféricas apresentam amenidades naturais e/ou atividades culturais, que são abandonadas pelo Estado e governos e seu potencial turístico não é valorizado. O turismo pedagógico pode colaborar para a apropriação dos espaços turísticos do município e estado pelos/as professores/as e estudantes, como aqueles/as das escolas públicas que são os/as filhos/as da classe trabalhadora e oriundos/as das áreas periféricas mostradas por Fratucci (2018); para a consequente luta pelo acesso democrático às atrações turísticas; para a modificação do capital cultural de discentes e docentes; para a valorização da pluralidade cultural presente no município e estado; e pelo estímulo à educação patrimonial dos atores do processo ensino-aprendizagem, conforme demonstraram Padilha, Lavandeira e De Pieri (2024).

O turismo pedagógico é um método de ensino-aprendizagem que envolve três etapas de desenvolvimento. São elas a pré-visita; visita ao local com potencial turístico, ou que já esteja turistificado; e pós-visita. Na pré-visita, educadores/as e educandos/as realizam as escolhas supracitadas a partir dos temas que estão sendo trabalhados no ambiente escolar, dentro das disciplinas escolhidas para participar do processo; da definição do objeto de estudo presente nas atividades da sala de aula e materializado e/ou representado no local turistificado; dos seus interesses e necessidades; do que julgam serem atividades prazerosas; da problematização do que é turismo e lazer; do debate sobre os possíveis obstáculos, dificuldades, riscos e formas de superação dos mesmos; e das atividades a serem realizadas durante a visita. Na visita ao local com potencial turístico é primordial que docentes e discentes não percam de vista que a principal finalidade da ida ao destino é o seu aproveitamento pedagógico. Para que isso ocorra, é necessário que professores/as e estudantes desenvolvam atividades na visita que promovam a interação com o objeto de estudo e aprofundamento do conhecimento sobre ele, como debates sobre o que está sendo visto e vivenciado, registros em fotos e relatórios. A 3ª etapa, chamada de pós-visita, dá-se a culminância da atividade. Trata-se de uma etapa fundamental para a análise das informações e conhecimento sobre o objeto de estudo, os quais foram trabalhados antes e durante a visita ao local turistificado. Algumas atividades pós-visita podem ser o desenvolvimento de textos, feitos

pelos/as discentes e orientados pelos/as docentes; exposição de fotos; construção de murais; podcast; documentário; vídeos; entre outros. Com isso, para que a visita a um local turístico, por professores/as e seus/suas alunos/as, contribua com o processo ensino-aprendizagem e prática docente, é imprescindível que as atividades antes, durante e após a visita estimulem o aprofundamento do conhecimento e produções dos corpos docente e discente sobre o objeto de estudo.

O Turismo Pedagógico em Ação

O Núcleo de Pesquisas em Turismo, Território e Educação – Nupette– do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro vem realizando projetos de extensão, ensino e pesquisa com o objetivo principal de fortalecer a cidadania nos territórios municipais, entendido por nós como a escala geográfica na qual temos maior poder de atuação e, por conseguinte, maior possibilidade de sucesso. Partindo do princípio de que “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p.84), nós do Nupette temos desenvolvido o método do Turismo Pedagógico junto a escolas públicas de municípios fluminenses, a fim de levarmos as aulas para fora dos muros da escola e as/os estudantes a conhecerem e reconhecerem espaços turistificados do seu território, orientados por temas curriculares. Tais espaços são entendidos por nós como territórios educativos, isto é, lugares que possuem a sua história e cultura próprias as quais podemos apreender e com as quais podemos aprender.

A partir da observação e vivência dos territórios buscamos promover a construção do conhecimento de maneira mais alinhada com a realidade próxima das e dos estudantes, de forma lúdica e interessante, mostrando o sentido da teoria vista em sala de aula, e também oportunizando o fortalecimento da identidade, bem como a apropriação e valorização dos territórios, com suas particularidades e, por conseguinte, a diminuição de preconceitos. Da nossa parte, como atuamos articulando as teorias da Geografia e do Turismo, desenvolvemos um Turismo Pedagógico que valorize o território, composto pelo

terreno, sua história e cultura da sua gente. Além disso, acreditamos que o conhecimento construído a partir desta atividade pode contribuir com o desenvolvimento territorial, entendido como a melhoria das condições de vida de uma coletividade que vive em um território a partir das suas próprias demandas e características.

O trabalho do Nupette consiste em, por um lado, construir os parâmetros do método do Turismo Pedagógico e, por outro, contribuir com a formação de estudantes que integram o grupo. Dessa forma, temos uma rotina de estudos e de organização das nossas atividades com infraestrutura fornecida pela Uerj, com apoio da Faperj. No âmbito do Núcleo de Pesquisas contatamos escolas e secretarias de educação para apresentarmos nossas propostas e buscamos por parcerias. A partir do estabelecimento das parcerias, oferecemos curso de extensão gratuito a profissionais de educação a fim de mostrarmos os fundamentos filosóficos e os parâmetros da prática do Turismo Pedagógico que desenvolvemos. Por fim, auxiliamos as/os professoras/es na aplicação do Turismo Pedagógico com seus estudantes.

Em outra frente de atuação, oferecemos o curso de Turismo Pedagógico também a estudantes de bacharelado em Turismo e de Licenciaturas. Aplicamos, também, este método em disciplinas lecionadas no curso de graduação em Turismo da UERJ, no qual o Nupette está alocado. Isto ocorre para que estudantes de Turismo possam conhecer o método durante a sua formação acadêmica e tenham a oportunidade de aplicá-lo quando se tornarem profissionais da área, preenchendo, assim, uma lacuna importante.

Pelo lado da educação básica, o Nupette formou mais de duzentos cursistas, em 8 edições do curso de extensão, oferecido desde 2014. Inicialmente feito de forma 100% presencial, mudou o seu formato durante a pandemia devido à necessidade de mantermos o distanciamento físico e, assim, tentarmos evitar a maior transmissão do vírus SARS-CoV-2. Portanto, de 2020 a 2022, o curso foi oferecido de maneira 100% remota, impedindo a realização de visitas técnicas, porém permitindo a participação de pessoas de diversas partes do país. Além das/os profissionais de escolas, também oferecemos o

curso a profissionais de Turismo do SESC/RS, que nos procuraram a fim de desenvolverem um programa de turismo pedagógico no Rio Grande do Sul.

As ações do Nupette, antes voltadas apenas para o município de Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro - município no qual, até agosto de 2019, era oferecido o curso de Turismo da UERJ que, a partir desta data foi transferido para o Rio de Janeiro -, após a pandemia ganhou novos horizontes e se encaminhou para os municípios de Areal, na região Centro-Sul Fluminense - com o qual a UERJ mantinha acordo de cooperação - e Rio de Janeiro, onde a Uerj tem a sua sede. Em Areal foram oferecidas duas turmas do curso de extensão, houve conversas com as professoras e diretoras de escolas municipais e com o então secretário de educação, orientações de realização do método nas unidades escolares e, por fim, os bons resultados do trabalho levaram à elaboração, pela coordenadora do Nupette, Prof.^a Marcela Padilha, e pela sua orientanda de Mestrado, Prof.^a Viviane Lavandeira, de um projeto de lei de criação do programa de turismo pedagógico na rede municipal de ensino de Areal. O projeto foi aprovado pela câmara de vereadores e a lei, então, publicada sob o número 1306 no dia 19 de dezembro de 2023 (Areal, 2023).

Os resultados do método do Turismo Pedagógico desenvolvido e aplicado pelo Nupette têm sido, ao longo desses 10 anos, bastante positivos. Prova disso foram os prêmios recebidos da Associação Brasileira de Operadoras de Turismo - Prêmio Braztoa de Sustentabilidade 2016/2017, na categoria Projetos Inovadores (Panrotas, 2016) - e o Prêmio Paulo Freire, na categoria Experiências no Ensino Fundamental - concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj, 2019). Tivemos, também, como já mencionado acima, a publicação da lei 1.306/2023, que institui o Programa de Turismo Pedagógico na Rede Municipal de Ensino de Areal/RJ.

Algumas das unidades escolares onde atuam cursistas formados por nós vêm utilizando o método por obterem resultados positivos com ele, como é o caso da Escola Municipal Rui Barbosa, localizada no 2º distrito de Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, a primeira a fechar todo o ciclo proposto pelo Nupette. A escola, localizada em área rural, possui turmas mistas da educação

infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Tem como diretor um ex-cursista que abraçou o Turismo Pedagógico e vem colhendo bons frutos. Após o término do seu curso de extensão, o Prof. Guilherme Machado trabalhou o tema meio ambiente com os professores e estudantes de todas as turmas da escola (etapa 1 do Turismo Pedagógico), no segundo semestre de 2022. Nesta primeira etapa, o Nupette esteve presente conversando com as/os estudantes sobre parques naturais e a importância dessas unidades de conservação para as pessoas e todo o conjunto da natureza (Figura 1). Foi elaborado um livreto sobre o tema e distribuído para todas/os as/os estudantes (Figura 2). Em seguida, o Nupette organizou, junto com o prof. Guilherme, uma visita técnica à sede Teresópolis do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, ao Horto Municipal (Figura 3), passando pela sede da CBF na Granja Comari (etapa 2). Estiveram presentes 6 docentes e 45 estudantes. Em seguida, como terceira etapa, a escola propôs uma exposição de fotos e cartazes, com o material trabalhado nas etapas 1 e 2. O resultado foi muito positivo e celebrado pelas professoras e professores da escola. Um vídeo dessa ação pode ser visto no Instagram do Núcleo de Pesquisas (@nupette.uerj). Uma das professoras da escola resumiu assim a atividade:

Tudo o que os alunos aprenderam no Parnaso foi articulado com os conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala de aula. Os alunos estavam aprendendo sobre a importância das árvores no processo de fotossíntese, inclusive uma das falas da professora Marcela foi citada por um aluno em sala de aula, sobre o ar ser mais puro nas unidades de conservação. O tema do nosso projeto de pesquisa era Animais, então muito do que foi ensinado foi utilizado pelos alunos no projeto. Os alunos ficaram encantados com tudo o que descobriram sobre os animais do parque. A visita ao Horto Municipal também foi muito produtiva pois os alunos estavam aprendendo sobre os diferentes tipos de solo. O passeio foi bastante significativo para os alunos.

Figura 1

O Nupette participando da Etapa 1 do Turismo Pedagógico na Escola Municipal Rui Barbosa e apresentando o livreto “Nos Parques com Juçara”, elaborado pelos integrantes do Núcleo.



Fonte: Elaboração própria (novembro de 2022).

Figuras 2 e 3

Capa do livreto e trilha no Parque Nacional da Serra dos Órgãos com as/os estudantes e professoras/es da EM Rui Barbosa.



Fonte: Elaboração própria (novembro de 2022).

Perguntados sobre a percepção que tiveram a respeito do trabalho de Turismo Pedagógico realizado em parceria com a UERJ, todas as professoras e professores afirmaram que o trabalho foi positivo e que o método ajuda muito no processo ensino-aprendizagem. Uma das professoras afirmou que:

O trabalho de Turismo Pedagógico foi muito significativo, pois os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar tudo que é ensinado. No dia seguinte, os alunos chegaram na escola muito felizes, falando sobre tudo que tinham aprendido no Parnaso, relacionando tudo o que tinham ouvido e visto com o que já haviam aprendido.

Neste ano de 2024, o Nupette foi novamente convidado a participar da execução do Turismo Pedagógico com a escola. O tema escolhido foi “O Caminho das Águas” e envolveu 3 visitas técnicas: 1 - ao córrego próximo à escola; 2 - à sede Teresópolis do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a fim de observarem o principal rio da cidade, o Paquequer (Figura 4), próximo à sua nascente e, em seguida, fora do parque, no bairro da Várzea, no centro da cidade (Figura 5); e ao AquaRio, o Aquário da cidade do Rio de Janeiro. Como culminância, será feita, no final do mês de novembro, uma exposição de fotos e de produções das/os estudantes e cada turma falará sobre as experiências vividas ao longo do projeto e o que aprenderam com ele.

Figuras 4 e 5

Rio Paquequer no Parque Nacional da Serra dos Órgãos e no centro da cidade de Teresópolis.



Fonte: Elaboração própria (setembro de 2024).

Em 2021, durante a pandemia de Covid-19, o curso de extensão Turismo Pedagógico, oferecido pelo Nupette, precisou ser realizado de forma remota. Após o curso, solicitamos aos cursistas - que tinham profissões diversas, mas que eram, na maioria, profissionais da educação, do Turismo e estudantes de graduação - que respondessem a um formulário sobre os impactos de atividades pedagógicas realizadas fora da escola no processo ensino-aprendizagem. vinte e sete pessoas, das 40 inscritas no curso, responderam. Destes 27 respondentes, 24 afirmaram já terem participado de uma atividade pedagógica fora da escola, sendo 11 deles como professores que organizaram a atividade.

Estes 11 docentes, quando perguntados sobre os resultados positivos da atividade, a maioria citou a melhoria da aprendizagem, da relação entre as/os estudantes e destas/es com as/os professoras/es, e a percepção de que o lugar visitado também era para ela/ele. Sobre os maiores obstáculos à realização da atividade extramuros, os três mais citados foram: o transporte (12 vezes), o custo financeiro (7 vezes) e o apoio da direção da escola (5 vezes).

Percebemos, portanto, que a maioria das pessoas concorda que atividades pedagógicas feitas fora da escola geram muitos e importantes benefícios. No entanto, as/os profissionais da educação escolar ainda encontram grandes dificuldades para executar essas atividades. Por isso, nós do Nupette temos insistido que o melhor caminho para dar suporte à realização do Turismo Pedagógico é a criação de políticas públicas específicas para a atividade. O estado do Rio de Janeiro possui uma lei que institui o Turismo Pedagógico nas escolas estaduais (Lei Estadual nº 9.990/2023). Porém, ela ainda carece de ajustes que foram detalhadamente analisados pelo trabalho de Lavandeira e Padilha (2024). Entendemos que este processo de criação de políticas públicas voltadas para o Turismo Pedagógico precisa passar por estudos, debates e considerar as particularidades de cada município. No entanto, este é um desafio que merece ser abraçado, porque os resultados são nitidamente positivos.

Considerações Finais

O Turismo Pedagógico desenvolvido e realizado pelo Nupette/Uerj/CNPq até agora mostrou o quão importante e urgente é extrapolar as paredes da sala de aula a fim de ampliar os espaços educativos. Além disso, os resultados tanto dos cursos de extensão quanto das ações feitas com escolas públicas, com todos os níveis de escolaridade, bem como com estudantes de graduação, confirmam a nossa hipótese de que a educação está em toda a parte e que os territórios podem ser proporcionar não apenas continentes do processo ensino-aprendizagem como objetos desse processo.

Inúmeros estudos já nos mostraram que buscar ensinar e aprender em diferentes tipos de espaços é mais eficaz do que ficar restrito à sala de aula. Por

isso mesmo é que tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto a Base Nacional Comum Curricular afirmam a necessidade de se trabalhar conteúdos curriculares e temas transversais em diferentes espaços, inclusive fora da escola.

Nesses dez anos de trabalho de ensino, pesquisa e extensão, atuando tanto com a formação continuada de profissionais da educação, quanto com ações voltadas para os ensinos básicos e superior, tanto profissionais de educação e de Turismo, quanto estudantes sempre nos mostram que promover um ensino-aprendizagem conectando teoria e prática não é apenas eficaz, mas também prazeroso. Ou seja, o conhecimento construído passa a fazer mais sentido e seu processo de criação, por se dar de forma lúdica, fica impresso na memória, tornando-se lembranças felizes e gerando laços entre estudantes e professoras/es.

Iniciado na cidade de Teresópolis, na região serrana fluminense, os trabalhos do Nupette ganharam novos territórios, expandindo-se para Areal - no Centro-Sul Fluminense - e para a cidade do Rio de Janeiro - metrópole do estado do RJ. Tem envolvido estudantes de graduação, especialização e mestrado, de diferentes cursos, que atuam em todas as frentes do trabalho do núcleo. Além disso, já atingiu mais de duzentas pessoas com os cursos de extensão oferecidos gratuitamente, bem como seis escolas que fizeram o trabalho de Turismo Pedagógico com o Núcleo, e outras que fizeram indiretamente, por meio das/os professoras/es formadas no curso.

O Turismo Pedagógico vem se mostrando não apenas uma poderosa ferramenta de construção de conhecimento, mas, sobretudo, de criação de laços interpessoais, de fortalecimento da identidade territorial e da cidadania.

Referências

ALDO, Ramos Guzman; GUILLERMINA, Fernandez. La educación ambiental: un instrumento para el turismo sustentable. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. X, n. 2, p. 296 - 312, dez. 2013. Disponível em:

<<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/download/521/545>>. Acesso: 15/09/2024.

Areal. **Portal da transparência.** Disponível em: <<http://rj.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/areal/iframe.cfm?pagina=abreDocumento&arquivo=37EB035B8A4F88>>. Acesso: 15/05/2024.

Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. **Prêmio Paulo Freire.** Disponível em: <https://www.premiopaulofreire.com/ensinofundamental-1educacao>> Acesso: 12/10/2024.

Bourdieu, P. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social.** México: Siglo Veinteuno, 1997.

Braga, L. RJ: **filhos de diplomatas, jovens negros acusam PMs de conduta racista.** Portal Metrôpoles, 05/07/2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/rj-filhos-diplomatas-negros-pms-racismo>>. Acesso: 05/11/2024.

Faustino, R. **Veja os vencedores do Prêmio Braztoa Sustentabilidade.** Revista Panrotas, 18 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/gente/2016/11/veja-os-vencedores-do-premio-braztoa-sustentabilidade_141763.html>. Acesso: 10/10/2024.

Franco, N.T; Sánchez, J.E.O.; López, E.R.A. Educational tourism. A theoretical review of the phenomenon. Journal of Administrative Science. Vol. 4, No. 7 (2022). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/367621080_Educational_tourism>. Acesso: 09/09/2024.

Fratucci, A. C. Refletindo a dimensão espacial do turismo a partir das lógicas de apropriação dos espaços dos seus agentes sociais. **V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.** Belo Horizonte, MG, 25 e 26 de agosto de 2008.

Freire, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Horta, M.L.P.; Grunberg, E.; Monteiro, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

Lavandeira, V.O.; Padilha, M.N. **Proposta de Alteração da Lei Estadual do Rio de Janeiro de nº 9.990/23 e Proposta de Projeto de Lei sobre Turismo Pedagógico para a Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Profgeo, 2024. Plataforma Educapes, disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/868535/2/Recurso%20Educacional-Viviane%20Lavandeira.pdf>>. Acesso: 10/11/2024.

Lee, James; J.; Wedow, Robbee; Okbay, Aysu; Kong, Edward; Maghziyan, Omeed. **Gene discovery and polygenic prediction from a genome-wide association study of educational attainment in 1.1 million**. Nature Genetics. DOI: 10.1038/s41588-018-0147-3.

Marchetti, L. **Homem negro denuncia racismo ao ser impedido de deixar farmácia por suspeita de furto, na Zona Sul do Rio**. Jornal O Globo, 22/08/2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/08/22/homem-negro-denuncia-racismo-ao-ser-impedido-de-deixar-farmacia-por-suspeita-de-furto-na-zona-sul-do-rio-veja-video.ghtml>>. Acesso: 08/11/2024.

Moesch, M. **O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo**. Cenário, Brasília, v. 1, n. 1, p. 08-28, dez. 2013.

Oliveira, R. **Crimes de racismo disparam e registros em Minas quadruplicam em 2023**. O Tempo Cidades, 30/05/2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/crimes-de-racismo-disparam-e-registros-em-minas-quadruplicam-em-2023-1.2878682>>. Acesso: 08/11/2024.

Padilha, M.N. y Pacheco, R. Espaço público ou espaço de consumo? o caso da Praça Higino da Silveira, um lugar turístico da cidade de TERESÓPOLIS/RJ. Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 28 (junio/junho 2020). En línea: <<https://www.eumed.net/rev/turydes/28/espaco-publico-consumo.html>>. Acesso: 10/10/2024.

Padilha, M. do N. Por uma Escola Sem Muro: O Turismo Pedagógico como Ferramenta de Apoio à Educação Básica. In: COSTA, Amanda Danelli; PADILHA, Marcela do Nascimento; PEREIRA, Thiago Ferreira Pinheiros Dias (Organizadores) **Territórios do Turismo: perspectivas de passados, presentes e futuros possíveis**. Boa Vista: Editora IOLE / Rio de Janeiro: EdTur, 2021.

Padilha, M.N. O Território Também é Escola! O trabalho de campo e o turismo pedagógico como métodos de ensino de uma educação para a cidadania. In: Marino, L. F. **A Cidade como Sala de Aula: educar e aprender no território**. Curitiba: CRV, 2023, p. 129-146.

Padilha, M.N.; Lavandeira, V.O.; De Pieri, V.S.G. Turismo e Educação: Diálogos e ações pela cidadania. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.16, n.30, Jan/Jun/2024. DOI: <<https://doi.org/10.15210/rmr.v16i30.26075>>.

Santos, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

Santos, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos** (2ª ed.), São Paulo: Edusp, 2004.